



HESPAÑHA — S. FRANCISCO DE BILBAU.

A IGREJA de S. Francisco de Bilbao, monumento precioso de architectura gothica, foi construida no anno de 1501, e concedeu-lhe el-rei D. Carlos I de Hespanha e V imperador de Allemanha, no anno de 1539, a faculdade de usar das suas armas imperiaes e reaes, segundo a descripção historica da villa de Bilbao.

Com quanto o distincto auctor d'aquella descripção fixe a epocha da fundação da igreja de S. Francisco em 1501, facilmente se conhece pela architectura da

grande nave, que esta magestosa fabrica se executára em tres differentes periodos.

A nossa estampa representa uma das capellas da formosa igreja. Por infelicidade o sumptuoso templo de S. Francisco, como outros edificios igualmente venerandos, durante as desastradas guerras civis, que ensanguentaram por largos annos o reino visinho, serviu de quartelamento, e hoje acha-se em tão emminente ruina, que parece ter-se decidido a sua immediata demolição!

ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

MEMORIAS DA VILLA DE ARRAYOLOS.

XIII.

Occupação de Arrayolos pelos castelhanos na guerra da acclamação de el-rei D. João I.

SABIDO é que as primeiras façanhas do moço Nun'Alvres Pereira, depois de declarado defensor do reino o mestre de Aviz D. João, tiveram por theatro a provincia d'Alemtejo, ou como então se dizia, a comarca d'ante Tejo e Odiana. Que parte coubesse a Arrayolos n'esta grande lucta, verão os leitores melhor das palavras singelas de Fernão Lopes, do que de qualquer extracto, ou paraphrase, que com intento de enfeitá-las, as desfigurasse. Diz pois Fernão Lopes: «Nuno Alvares em Evora cuidadoso por estes feitos, chegou-lhe recado de seu senhor o mestre, em que lhe fez saber que do arrayal d'el-rei de Castella (1) eram partidas seiscentas lanças, pera se ajuntarem no Crato com as outras gentes, que hi estavam, pera lhe irem poêr batalha; e que o encomendava a Deus. E enviou-lhe dinheiros pera soldo de um mez, que muito por então mister havia. E logo apoz este recado lhe chegou outro que Pero Sarmiento e o priol seu irmão, e João Rodrigues do Castanheda, e o conde de Niebra, e o mestre de Alcantara, que viera por mestre depois da morte do outro, que morreu na batalha de Fronteira, e Martim Annes de Barbuda, que se chamava mestre de Aviz, e outros fidalgos, e escudeiros, que eram por todos duas mil e quinhentas lanças, e seiscentos ginetes, e muitos piães, e bésteiros, eram todos juntos no Crato, e hi se estavam corregendo das cousas, que lhe mister faziam pera o ir buscar, e lhe poêr batalha; des hi pera roubar, e correr todo antre Tejo e Odiana na peor maneira, que o fazer pudessem. Nuno Alvares mandou logo pela comarca por ajuntar mais gentes consigo das que tinha, e foram per todas mil e quinhentas e trinta lanças, e cinco mil antre homens de pé e bésteiros. E em esto partiram estes senhores com todas suas gentes do lugar do Crato, correndo a terra, e chegaram a Arrayolos, o qual alguns contam que foi combatido por força, mas os que mais certo n'isto fallaram, dizem que lhe foi dado por alguns não bons portuguezes, dos quaes era o principal Gonçalo Mendes de Oliveira, que era parente da rainha. D'alí enviou Pero Sarmiento por um cavalleiro da sua companhia, que chamavam Garcia Gonçalves de Ferreira a Nuno Alvares uma carta mui desmesurada, da qual Nuno Alvares não curou, nem quiz responder a ella. E mais lhe trouxe uma espada d'armas de duas mãos, e disse que a dêsse a Nuno Alvares em gajas, e que o desafiasse de sua parte, que se com elle viesse ao campo, que o entendia de agoutar no cú, como a menino. Nuno Alvares, sem mostrar de si sanha, però as palavras fossem descortezes, recebeu bem o cavalleiro, e tomou a espada, e acceitou a desafiação, e mandou que o apou-sentassem bem, e disse que elle lhe daria depois a resposta. E ordenou logo os que ficassem por guarda na cidade, e todo al, que viu que cumpria, e houve seu conselho de todavia ir primeiro a elles, ante que elles viessem a elle. No dia seguinte ouviu Nuno Alvares cedo missas, e mandou chamar

aquelle castellão, que lhe trouvera aquella deshonestata carta, e desafiação, e disse com gesto aprazivel: «Cavalleiro amigo, ora vós i-vos com Deus, e dissei a meu amigo Pero Sarmiento, e a esses capitães, que são em sua companhia, que se venham ao campo quando quizerem, e ahí me acharão prestes, como elles desejam.» Garcia Gonçalves se partiu logo, maravilhando-se muito de sua mesura e ardidez. E em esto estando Nuno Alvares pera comer, foi certificado que os castellãos se vinham chegando quanto podiam, e como isto soube, sem mais comer nenhuma cousa, mandou dar ás trombetas pera cavalgar, e suas gentes beberam por terra cada um como melhor podia; e foram juntos com elle mui á pressa, e elle partiu logo com todos mui ordenadamente, e foi além da quinta de Oliveira pouco mais de uma legua da cidade, e n'aquelle logar se deteve, e esperou os imigos. Ali comêra Nuno Alvares, se tivera que, cá elle não mandou levar azemalas, nem outra carriagem, entendendo que tinha a batalha mui prestes como chegasse, por quanto os castellãos eram muitos, elles mui poucos em comparação d'elles. Des hi cuidava que quem vencesse o campo acharia o que mister houvesse. E buscaram-lhe alguma cousa de comer pela companhia, e não acharam outra vianda, salvo um pão encetado, e um pequeno de rabão, e um pouco de vinho, que um homem de pé levava em uma cabacinha. E estas foram suas iguarias por aquelle dia todo, onde esteve com sua batalha posta acerca do caminho, aguardando os castellãos até á noute. E em o outro dia pela manhã bem cedo partiu, e se foi ao Diver uma legua d'aquelle logar, e ali ordenou sua batalha por terra, assi como ante, e poz sua vanguarda e reguarda, e alas de homens de armas e peões, e bésteiros, como elle bem sabia fazer, e elle estava na vanguarda. Ali veiu Pero Sarmiento e o priol, e essoutros capitães, e ordenaram sua batalha a cavallo da vanguarda e reguarda, e alas mui acerca uns dos outros, e leixaram-se estar quedos, e sem mostrança de pelejar. Os ginetes dos imigos cercavam todolos portuguezes de guisa que de Evora não podia nenhum vir pera a companhia de Nuno Alvares, nem dos seus sair pera a cidade, que logo não fosse prezo; e faziam os ginetes algumas remettidas nos homens de pé, e onde melhor entendiam; mas todo achavam prestes de defensão, sem lhe poderem empécer. Os castellãos assi por grande espaço receando começar a batalha, mandaram dizer a Nuno Alvares que bem via que seu jogo era de partido, e que de tal intenção, qual tinha, não curasse, cá bem visto era que não havia em elle defensão; mas que todavia se tornasse a serviço de el-rei de Castella, que o accrescentaria fazendo-lhe muitas mercezes, como as elle bem merecia. E que esto era mais são conselho, que se perder com quantos ali estavam. A estas e outras taes razões Nuno Alvares em breve disse ao mensageiro, que d'aquellas palavras não curasse mais, e que se fosse embora, e que dissesse áquelles senhores, que o a elle enviaram, que lhe parecia, que não era bem de se o tempo assi passar debalde, e pois que o desafiar mandaram, que pouco faziam de sua honra serem tantos, e tão bem encavalgados, e elles pelo contrario, e tardarem tanto de não virem a batalha, que vieram buscar, e tinham tão prestes, como elle bem via. Cá pois elles eram a cavallo, e vinham demandar batalha, que elles a deviam começar primeiro, ou que lhe ordenassem elles sua batalha por terra, e que elle os iria commetter; e porém lhes prouvesse de todavia virem a ella. A estas razões não tornaram os castellãos mais, mas leixaram-se estar assi com sua ba-

(1) El-rei de Castella estava pondo cerco a Lisboa.

talha posta, e por noite se afastaram um pedaço, e assentaram seu arrayal. Nuno Alvares, vendo que os castellãos faziam isto com sagaria pera os esfaimar, havendo já dous dias e uma noite, que eram fóra da cidade sem mantimentos, e que ao recolher os poderiam matar a seu salvo sem batalha, ordenou de se tornar aquella noite a Evora, pera em outro dia tornar á batalha percebido de mantimentos, se lha poer quizessem. Aquella noite foi de grão tempestade de agua e garração, e o recolhimento perigoso, de guisa que alguns enlhevam a terra, e não sabendo ir pera a cidade iam dar no arrayal dos castellãos, e ali os pilharam, e tomaram por prisioneiros, e outros ficavam por as vinhas comendo uvas, e ali os achavam seus inimigos e prendiam e matavam. Nuno Alvares chegou alta noite a Evora, e quando veiu na manhã soube que os castellãos levantaram seu alojamento, e iam caminho de Viana duas leguas de Evora, e como eram bem encavalgados, correram a terra, e levaram o mais roubo que puderam, e foram-se pera Arrayolos, e d'ali partiram d'elles pera o Crato; e Pero Sarmiento e João Rodrigues de Castanheda, e outros cavalleiros até setecentas lanças caminho de Lisboa per Almada, des hi ao arrayal de el-rei de Castella; e foram fallar a el-rei, do qual foram não bem recebidos por não pelear com Nuno Alvares, segundo ficaram de pelear, e escusando elles com frias razões, foram bem desditos de el-rei, dizendo contra elles, que lhe não podia Nuno Alvares mais fazer ca lhe poer a praça no campo, esperando dous dias a batalha, e com covardice não ousarem de pelear com elle. D'isto tiveram grão sentido Pero Sarmiento e o priol, pela mingua, que por elles passára (1). "

E sem mais combate ficou Arrayolos livre de inimigos.

Isto se passou no anno de 1384.

J. H. DA CUNHA RIVARA.

MIGUEL DE CERVANTES SAAVEDRA.

V.

Em mais de um ponto foram, como já notamos, semelhantes os destinos de Camões e de Cervantes, do primeiro poeta portuguez e do mais inspirado filho da musa castelhana. Nas armas os igualou a fortuna; a ambos deu ella por galardão e por memoria

(1) Dou aqui as palavras da Chronica de el-rei D. João I por Fernão Lopes, part. 1.^a, cap. 146 da edição de Lisboa de 1644, cotejado e correcto pelo ms. da bibliotheca publica eborense, onde o mesmo cap. tem o n.º 145.

A Chronica antiga do condestavel: Lisboa 1623, cap. 34, conta este mesmo successo com algumas notaveis variantes; mas eu preferi o texto de Fernão Lopes ao d'esta Chronica, porque sendo conhecida de Fernão Lopes, que até lhe aproveitou capitulos inteiros, de certo se não afastaria d'ella tão grave auctor, como fez em partes, a não ser levado de mui certas e verdadeiras informações; e elle mesmo affirma que tudo quanto diz é tirado dos mais veridicos auctores, que todos combinou e comparou.

Fr. Manuel dos Santos, na Monarchia Lusitana, part. 8.^a, liv. 23, cap. 22, conta este successo seguindo ao incorrecto texto impresso de Fernão Lopes.

de seus feitos militares a mesma paga, o ferro dos inimigos e a ingratição dos seus contemporaneos. Vemos a um depurar entre o bulicio das armas a sua ainda não excedida veia epica. Vemos o outro aprender no captiveiro e nas batalhas as aventuras e os lances e os infortunios e os azares da vida humana. Assim como Camões teve de pedir a funcções, humildes para a sua grandeza e estranhas ao seu genio, o pão que as letras lhe negavam, assim tambem Cervantes houve de buscar em modestos cargos publicos a subsistencia, que mal podia ganhar-lhe a musa só prodiga de laureis e de renome.

Poeta comico de occasião, trilhando apenas como officio mercenario as vias do theatro, para que a vocação o não chamava, Cervantes largou bem depressa, por improductiva de honras e de lucros, a carreira theatral para se aventurar em busca de uma fortuna mais prospera. Vemol-o servir depois no encargo humilde e certamente pouco pingue de ajudar os provedores das armadas de Sevilha; vemol-o exercer logo depois a profissão, degradante para as letras, de arrecadar as rendas atrasadas da fazenda publica no reino de Granada, e passar successivamente a outros misteres, indignos da sua elevada intelligencia e do grande nome, que elle ía dourar para si nos fastos da litteratura castelhana. Não lhe faltou para esgotar as ultimas fézes do calix amargurado dos talentos, o ter de fazer-se requerente e de andar cortejando protectores e soffrendo desdens de poderosos o que mais tarde havia de subir mais alto do que todos elles. Instigado pela penuria, vemol-o solicitar em 1590 um dos empregos vagos das Indias hespanholas, regiões, que eram para aquelles tempos o que são hoje nos nossos a California e a Australia, a ultima perspectiva de fortuna para os necessitados, e o recurso extremo dos grandes ambiciosos. O lugar, talvez bem humilde, que Cervantes pedira, negou-lhe a indiferença cortezã, e o poeta volta de novo para viver a socorrer-se ás suas antigas funcções de exactor publico em differentes sitios das Hespanhas.

Camões, desempenhando em Macáu o cargo de provedor de defuntos e ausentes, e Cervantes transformado em publicano pela ingratição da sorte, são dous exemplos do mesmo typo, e duas provas do destino commum dos genios nas eras que já lá vão.

Para os igualar na adversidade como os irmanára no estro, não faltou a fortuna a Cervantes nem a Camões com as accusações de má gerencia e de infidelidade no desempenho dos seus officios. Cervantes, acimado de concussionario, é prezo em Sevilha, e logo depois restituído á liberdade, sem escapar ao encommo e ao dezar de uma deshonrosa imputação, sendo forçado a voltar á cõrte para prestar estreitas contas do seu cargo, e satisfazer nas arcas publicas a pequena somma em que o diziam alcançado. Absolvido da primeira culpa, a sua obscura vida publica cerra-se a final com um novo encarceramento, que padeceu por não haver, ao que parece, cumprido a contento dos aulicos, um cargo de certo pouco honroso e lucrativo, que lhe haviam ainda commettido.

E nos carceres de Argamasilla, theatro das ultimas adversidades em que Cervantes experimenta a dureza do seu fado, que nasce e toma corpo o magnifico romance de D. Quixote. E ali que, desenganado de fortuna, e desilludido sobre os favores caprichosos da cõrte, a musa de Cervantes lhe apparece a dardejar-lhe os raios mais intensos da inspiração, e a ensinar-lhe que só nos desenfadados do genio satyrico poderia elle achar a unica vindicação contra os homens, e na gloria o só e duradouro galardão ao seu engenho.

E quando a imaginação vae começando de annu-

vear-se e de arrefecer-se, é quando a invenção se vae debilitando no commercio dos homens, e quando os labios, perdido o frescor da juventude, se contraem n'este sorrir malicioso e sceptivo, que não é o riso jovial e sincero do romance burlesco, é aos 58 annos de idade, que Cervantes publica pela primeira vez a immortal historia do fidalgo manchego, é quando o poeta commum das comedias triviaes, e o escriptor engenhoso, mas vulgar, da novella pastoril da *Galathea* se alevanta em toda a magestade do seu vulto gigante, e arremegando á publicidade um livro sem modêlo, e um poema sem precedente, ordena com orgulho á Hespanha absorta e á Europa admirada inscreva mais um nome a par dos Homeros e dos Tassos, dos Camões e dos Virgílios.

N'uma epocha em que as musas peninsulares, perdida a antiga originalidade, se envergonhavam de trajar as vestes candidas e singelas da primitiva poesia; n'um tempo em que a virgindade do antigo estro nacional se corrompia na imitação adulterina das letras grego-romanas; n'uma quadra em que os talentos se desentranhavam em copias mais ou menos acuradas e correctas dos veneraveis monumentos classicos, era para admirar, que um homem, ainda quasi obscuro, interrompesse extemporaneamente as tradições respeitadas no seu tempo, quebrasse a successão natural e logica das creações poeticas, para offerrecer á curiosidade dos indoutos, e á admiração dos sabios uma obra, que desdizia da indole da sua epocha, e que era um protesto arrogante com que o genio verdadeiro e original se rebellava abertamente contra a omnipotencia da poetica de Aristoteles, e passava triumphante sobre as taboas espedaçadas da lei, que até ali se havia sempre acatado como o codigo eterno da imaginação e do gosto depurado.

Já não é o continuador da escola italiana, que transplanta para a patria as flores abortadas da bucolica latina. Já não é o descendente litterario de Boscan e de Garcilaso, que encerra um talento gigante no metro arredondado e angusto da versificação servil. Já não é o imitador tímido de Montemayor, narrando em prosa falsa, mas elegante, as desventuras do pastor Elicio, as maguas de Domon, e as esquivanças e donaires da fabulada Galathea. Até aqui revelára-se o talento do prosador e o artificio do vate; mas agora no *D. Quixote* é o genio, que rasga os envoltorios que o escondiam, e que, esplendida chrysalida, vae brilhar ao sol meridiano para se erguer e revoar depois ás glorias da posteridade.

O talento, que no tempo de Cervantes aspirasse a desapegar-se das trilhas vulgares, o genio que sentisse dentro em si rumorejar esta voz intima e prophetica, a qual está incitando os grandes homens a segregarem-se da turba, a intelligencia, que divisasse em si o signal d'estas almas predestinadas a alevantar-se como a aguia real entre a multidão dos passaros rasteiros, só tinha a escolher as sendas já marcadas pelas balizas dos que as haviam já celebrado. Entre os generos, que Cervantes via então na mais alta litteratura estava-o seduzindo sem duvida a magestade da epopéa, então renovada desde pouco na Europa do renascimento pela tuba do Camões e do Tasso. Acrescentar mais um nome á lista privilegiada dos que haviam bebido a inspiração no seio de Caliope, parecia o empenho mais ambicioso de um genio como o de Cervantes. E o glorioso e cavalheiresco dos seus tempos, e o exemplo quotidiano dos seus e dos poetas estrangeiros, estava-lhe apontando a carreira e ensinando o caminho da popularidade.

O Tasso tomára sobre si o ser o poeta da christandade, e o vindicar as já embaciadas glorias dos cruzados contra a affronta dos agarenos, que profa-

navam á face da Europa o sepulchro do Redemptor. O Camões, tomando a tuba epica para escrever n'um poema divino as heroicidades da sua gente, cantára, sem o saber talvez, a primeira alvorada da civilização moderna em todo o mundo. A reputação dos dous epicos seduzia as ambições, e sorria aos vãos de uma imaginação inexgotavel. As armas hespanholas esperavam em vão o seu Homero. A batalha de Lepanto, Arbelles da christandade, havia encendido o estro de mais de um cantor malaventurado, e as façanhas de Carlos V haviam inaugurado em Hespanha um novo cyclo poetico, que promettia de offuscar as longas epopéas primitivas da Tavola Redonda e do famoso Carlos Magno. Luiz Zapata tinha rimado as chronicas militares de Carlos V no seu poema do *Carlo famoso*, tristemente celebre pela mediocridade e pelo arrojo berculeo do seu miserando versificador. Jeronymo Semper repetira na sua *Carolea* de infeliz recordação o mesmo esforço e desafiara em vão a rebeldia de Caliope. João Rufo fizera a *Austriada*, parodia involuntaria dos feitos quasi homericos do bastardo victorioso de Filippe II, e redigira com a prolixidade das epopéas rasteiras o boletim de Lepanto, sem a eloquencia ardente e concisa com que a victoria escreve a traços largos nos campos de batalha, entre a fumarada dos canhões, a laconica narração de um triumpho memoravel.

Não haviam escapado tambem á avidez epica dos primeiros engenhos d'aquelles tempos as empresas militares dos hespanhoes nas regiões, que nós os peninsulares, castelhanos e portuguezes, dividiamos entre nós como theatro dos brios militares, que em nossas patrias trasbordavam, e das nossas ambições desordenadas de poderio e de opulencia. A conquista das tribus americanas teve o seu cantor em Alonso de Ercilla, e o *Araucana*, gazeta rimada em versos admiraveis, e historia guerreira tecida á maneira de Tito Livio com longos discursos de heroes e de guerreiros, a *Araucana*, sendo na apparencia a narração dos successos hespanhoes n'um recanto das Americas, representava n'uma epopéa irregular e monotona a lucta do elemento europeu a braços com a tenacissima resistencia das nacionalidades indianas.

A Caliope hespanhola era fecunda, senão feliz. Cervantes vivia n'uma quadra onde os poetas a cortejavam como a formosissima entre as musas. E contudo Cervantes desprezou a vocação poetica do seu tempo, e desesperou de arcar prosperamente com as difficuldades quasi invenciveis da epopéa.

Desprezava-a elle! Não. Elle, que tinha genio para se erguer acima da plebe do Parnaso, elle que tinha inspiração para commetter uma facção litteraria nunca d'antes intentada, cegavam-no todavia os preconceitos do seu tempo, e forçavam-no a falsear na critica dos poemas as regras, que elle soube formular praticamente na critica mais difficil dos costumes.

Da *Austriada*, da *Araucana* e da epopéa legendaria do *Monserate*, de Christovão de Virués, dizia Cervantes no dialogo do barbeiro e do cura, a proposito da livraria de *D. Quixote*, que «eran los mejores libros que en verso heroico se habian escrito en castellano, y podian competir con los mejores de Italia.»

Acaso a opinião exaggerada, que Cervantes formava então das epopéas do seu tempo o incitasse a tentar novos rumos litterarios, para não correr a aventura de ficar abaixo dos seus modêlos, n'um genero em que o proprio genio poderia tropeçar no trivial e no plagiario pensando remontar-se ao original e ao sublime.

E depois, dado que o favorecesse a inspiração, e

que a musa o perfilhasse como generosamente o fizera a Camões, que assumpto escolheria, que o não tivessem exaurido já os seus predecessores e contemporaneos? As glorias de Carlos V? Ahi estavam a *Carolea e a Carlo famoso*, infaustos documentos de que a musa casta da epopéa se envergonha de illuminar com os clarões da idealidade os acontecimentos, que ainda vivem na chronica do dia.

As victorias de D. João de Austria, os triumphos de Lepanto? Ninguem melhor do que Cervantes poderia cantal-os, se bastasse ter sido actor e parte n'elles para os celebrar condignamente. Glorias contemporaneas eram arduas de poetisar. E d'entre todos os poetas só Camões tivera a ousadia heroica de as exaltar nos *Lusiadas*, narrando os feitos ainda recentes do esforçado argonauta portuguez.

Abaixo da epopéa seguia-se o theatro. Tentára-o Cervantes, e se não fôra d'elle maltratado, não ceifára palmas iguaes ás que Lope de Vega e Calderon haviam alcançado na scena castelhana. Fôra imitador na novella pastoril, e deixára a sua fama áquem do renome indisputavel do portuguez Montemayor e de Gil Polo, seu gracioso continuador. Com as eclogas teria entrado na fileira em que militavam as reputações de Boscan e de Garcilaso, sem se distinguir da turba dos petrarchistas. Restava-lhe a novella de costumes, a imitação poetica da vida commum, romanceada em descripções coloridas, e em dialogos picantes e salgados.

De romances em prosa havia no tempo de Cervantes dous generos já definidos e antagonistas; um que decaía, apesar d'esta popularidade ficticia, que certos generos adquirem, porque não veiu substituil-os ainda a litteratura propria de cada periodo historico; outro que nascia, e se roborava, como germen ainda rudimental do romance dos nossos dias. Um era a novella cavalleirosa; outro era o romance de costumes.

Enganam-se grosseiramente os que, avaliando por noções superficiaes a litteratura hespanhola, supõem que fôra Cervantes o primeiro, que delineára em prosa o romance regular. Antes d'elle muitos escriptores de reputação haviam já posto os fundamentos d'este novo e fecundissimo genero de litteratura. *Lazarillo de Tormes*, de D. Diogo Hurtado de Mendoza e de Henrique de Luna, o *Guzman de Alfarache* de Matheus Aleman e de Matheus Lujan de Sayavedra, eram já modélos, ainda hoje citados, do genero picaresco, tão particular, tão nacional das Hespanhas. O romance historico começára de desenhar-se ainda incorrectamente na *historia do Abencerragem e da formosa Xarifa* de Antonio de Villegas, e nas *guerras civiles de Granada* de Gines Perez de Hita. Se Miguel de Cervantes, inaugurando a sua gloriosa carreira de novellista, tivera publicado antes do *Quirote*, *Rinconeto y Cortadillo*, o *Licenciado Vidriera*, a *Ilustre Fregona*, ou qualquer das treze que elle intitulou *Novelas ejemplares*, teria porventura subido logo em reputação acima dos seus predecessores, mas não teria ligado o seu nome á creação de um genero litterario desconhecido, impensado até ali em toda a Europa.

Era aqui o ensejo de formular em face do *D. Quirote* muitos dos mais importantes e curiosos problemas da critica litteraria. Será racional e verdadeiro o dizer-se que Cervantes escreveu o seu romance com o intuito exclusivo de atacar e destruir o ridiculo do seu tempo, a febre dos livros cavalleirosos? Seria então ainda numerosa na Hespanha esta familia pueril dos Esplandions e dos Belianis e dos Amadis de Gaula? Exerceria então de feito a litteratura do cyclo de Carlos Magno a influencia, que hoje temos costumes e nas letras contemporaneas o romance-

folhetim, e a novella socialista? Seria ainda tão para temer e contrariar o contagio das novellas cavalleirosas como o é hoje a peste dos Eugene Sue, dos Balzac, e dos Soulié? Não haveria um proposito mais elevado e mais philosophico na vigorosa concepção do *D. Quirote*? Porque é que um homem engenhosamente satyrico, como Cervantes, fá animar deante de si os cavalleiros errantes de novellas absurdas e pueris, para alcançar sobre elles a victoria facil do ridiculo, e deixava em paz, sem disfarçar-lhes a satyra ao menos na allegoria recatada, ou na pintura geral dos costumes, os vicios do seu tempo, e a corrupção da sociedade, que tanto o offendêra e humilhára?

(Continúa.)

J. M. LATINO COELHO.



DEI GRACIA LUDOVICVS COMES PALATINVS RHENI VTR: BAVARIAE DVX.

RETRACTO DE LUIZ V O PACIFICO.

ESTE retracto, que é um curioso specimen da esculptura em pedra lithographica, existe no riquissimo museu do Louvre.

A inscripção não é esculpida; mas feita com uma tinta gordurenta, que defendeu a pedra, em quanto a agua-forte a desgastava em torno dos caracteres. Este genero de trabalho applicou-se depois aos desenhos, e temos uma grande quantidade de taboas e de quadros do mesmo systema, produzidos no fim do 16.^o seculo, e no decurso do 17.^o Algumas obras impressas n'esta epocha revelaram o processo, e Sennefelder o aproveitou para gravar muzica em relevo, que se imprimia nos prelos typographicos. Esta tentativa, não deu nenhum resultado pratico, mas conduziu Sennefelder á lithographia.

Luiz o pacifico não é dos personagens celebres da casa palatina. Pertencia á subdivisão d'aquella familia, que se chama ramo eleitoral (primogenitura

da antiga linha eleitoral), e que esteve de posse do eleitorado de 1477 a 1559. Era neto de Luiz o affavel, e sobrinho de Frederico I, cognominado o victorioso. Succedeu a Philippe o sincero, e teve por successor seu irmão Frederico II, amigo de Carlos Magno, e appellidado o sabio.

ORIGINALIDADE DA NAVEGAÇÃO DO OCEANO ATLANTICO SEPTENTRIONAL, E DO DESCOBRIMENTO DE SUAS ILHAS PELOS PORTUGUEZES NO SECULO XV.

III.

MAL pudéra suppor-se, que as mencionasse, de preferencia e com exclusão das mais notaveis em grandeza e prioridade de descoberta, como eram as de S. Miguel, Terceira, e Pico. N'este ultimo caso, e n'esta parte, o portolano, faria cadêa com as cartas Pizzigani e catalã, anteriores a elle, e com as posteriores de Bianco, Valsequa e Benincasa, ignorando todos a existencia precisa das ilhas dos Açores, e continuando, como na idade media, a semear arbitrariamente no Atlantico ilhas phantasticas.

Andrea Bianco compoz em dez folhas uma grande carta, datada de 1436, que só muito tempo depois se descobriu em Murano. Se n'ella não continúia absolutamente a mesma ignorancia antiga, a respeito da parte occidental, e se a sua data já parece obrigar a que accuse alguns de nossos descobrimentos maritimos, estamos ainda bem longe de vêr n'ella a costa occidental d'Africa prolongada além do cabo Bojador. Traz as ilhas Canarias e Madeira confusamente e sem nome, mas não ha procurar n'ella nenhuma das dos Açores. Nem admira que assim succedesse, em anno ainda tão proximo de nossos descobrimentos, quando, como já dissemos, os meios de comunicação intellectual não eram tão rapidos como hoje, nem o cartographo veneziano teria ainda tempo de obter dos portuguezes cartas onde se consignassem já os resultados de suas navegações e descobertas, algumas das quaes a principio não appareceriam no mundo revestidas da alta importancia, que bem depressa o tempo lhes veiu dar. D'aqui, talvez, continuarem na carta de Bianco, e n'outras, antigas e confusas tradições. O Atlantico no mappa-mundi de Bianco está semeado d'ilhas sem nome. Ao sul do Estreito, em linha leste-oeste, a partir d'um rio ao norte do throno em que pinta sentado o *rex de maroco*, põe sete ilhas sem nome, pelas quaes bem pudéra querer figurar o grupo das Canarias, já n'aquelle tempo conhecido bem. Entre estas e o paralelo do Estreito traz outra ilha sem nome. Será a Madeira? É possível. Mas cousa estranha é, que sendo uma e outras já n'aquelle tempo exploradas, o cartographo, que lhes parece dar logar na sua carta, lhes não imponha ainda nenhum nome. Das Columnas até a altura de Paris traz um grupo de seis ilhas estendido em linha norte-sul. Isto porém, porque a nenhuma d'ellas dá nome, nem distingue particularmente alguma ou algumas, que já a esse tempo fossem descobertas pelos portuguezes, dá logar a suppor-mos que não querem significar as dos Açores, e que não têm a menor relação com ilhas realmente conhecidas, antes pertencem aquella eterna fonte de ilhas presumidas ou phantasticas. Na extremidade occidental colloca duas grandes ilhas, igualmente sem nome, uma ao norte, outra ao sul do Estreito; ilhas que equivalem por certo as outras duas, que em posições correspondentes traz na sua carta maritima, com os nomes de *Antilia*, e ilha de *San Satanaxio*.

não menos phantasticas do que outras taes, que figuraram na geographia da idade media. Assim, parece-nos ser agora occasião opportuna para corrigir o que se lê na *Biographie Universelle*, artigo *Biancho*, a respeito da opinião de Mr. Buache, que, explicando esta carta, diz, que o auctor chamára Antilia porventura a alguma das ilhas dos Açores; opinião que o biographo capitula *d'un grand poids!* A verdade porém é que Buache não advertiu, que a Antilia é ilha supposta desde o seculo 12.^o; que pelo tempo da construcção da sua carta Bianco não podia conhecer já as ilhas dos Açores, que ainda por então se descobriam; e que o mesmo Bianco separando a sua Antilia de todas as outras ilhas, e fazendo na carta maritima a excepção de lhe impôr nome, quando deixára as demais anonymas, quiz sem duvida inculcar com isto, que acreditava ser a Antilia terra nos remotos confins occidentaes, ao passo que as ilhas do oceano intermedio as reputava nullas ou desconhecidas. É pois facil de vêr que a opinião de Buache não tem n'esta sua inferencia violenta a importancia preconizada, e que na mente do cartographo veneziano nada havia de commum entre Antilia sonhada, e alguma das primeiras dos Açores, apenas em caminho de descoberta.

As seis ilhas, que põe em grupo norte-sul, nenhuma relação podiam ter com as açorianas cujo descobrimento, segundo pôde ajuizar-se, proseguia apenas. Entre Africa e India põe Bianco a *Ixole di Colombi*, que a carta catalã de 1375 trazia no Atlantico septentrional. Estas deslocações revelam a ignorancia de ambos os auctores, por effeito da qual não têm opinião fixa, o que impede que hoje gratuitos commentadores, ou antes adivinhos, queiram inferir á força, que esta *Ixole di Colombi*, umas vezes no Atlantico, outras no Indico, seja uma das ilhas dos Açores, ou possa pelo simples nome servir de pharol a descobrir por coincidência o grupo d'ellas.

De 1439 é a carta, que em Malhorca fez Gabriel de Valsequa, e pela qual se diz, que tantos annos depois ainda America Vespucio deu cento e trinta ducados d'ouro de marca, de tanto auxilio lhe podia ella ser em suas empresas maritimas. Ao sul do Estreito não traz ainda as ilhas da Madeira, mas só oito das Canarias. Ao norte das Columnas traz pela altura dos Açores oito ilhas, tres d'ellas pequenas, com os seguintes nomes: *Ilha de Sperta*, *Guatrilla*, *Ylla de l'Inferno*, *Ylla de Frydols*, *Ylla de Osels*, *Ylla de . . .*, *Ylla de Corp-Marinos*, *Conigi*. No meio d'estas ilhas traz escripta, segundo a melhor leitura, a seguinte nota: «Aquestas illas foron trobadas per Diego de Senill pelot del rey de Portogall an l'an mccccxxxii.» Tres cousas estranhas nos offerece esta parte da carta de Valsequa. *Primeira*: o numero e nomes das ilhas, nenhum dos quaes tem a menor semelhança com os verdadeiros. *Segunda*: o nome de Diogo de Senil, piloto d'el-rei de Portugal, que se diz as descobriu: não será este porventura o nome verdadeiro do piloto, que acompanhou Gonçalo Velho Cabral n'este descobrimento? não será possível, que Valsequa, ou seus addicionadores, nos conservasse este nome de que nenhum de nossos historiadores faz menção, porque até do proprio Gonçalo Velho pouco dizem, e por um quasi nada o não sepultam em perpetuo olvido? *Terceira*: a data que a carta traz sobre o descobrimento d'aquellas ilhas, que se crêem representar as dos Açores: a carta diz que o piloto as descobriu em 1432, e effectivamente é a esse anno, que geralmente se attribue o começo do descobrimento d'aquelle archipelago. Tudo isto parece habilitar-nos a concluir, que se esta parte da carta de Valsequa data de 1439,

quando já estavam descobertas e n'ellas lançadas ove-lhas, as sete ilhas dos Açores dos grupos oriental e central (como provaremos n'uma memoria especial sobre o descobrimento do archipelago dos Açores) o cartographo inda tem d'ellas noções tão incompletas, que lhes improvisa os mais extravagantes nomes; se é addição posterior a 1439, e feita em tempo em que todas as nove ilhas dos Açores já eram descobertas, (depois de 1452) o arbitrio e dessimilhança de seus nomes mostram, que ainda por muito tempo, depois de achadas pelos portuguezes, foram pouco e mal conhecidas dos estrangeiros; o que indirectamente prova a favor da prioridade, originalidade mesmo, da nossa descoberta.

Do anno 1448 é o mappa-mundi de Giovanni Lear-do, conservado em Vicencia, na bibliotheca Trento. A despeito da data o cartographo parece ignorar ainda o descobrimento, que já tínhamos feito das ilhas do archipelago da Madeira e dos Açores. Desde as Canarias, que põe ao sul do Estreito em numero de quatro, para o norte, até ás Britanicas, não traz no Atlantico nenhuma ilha.

(Continúa.)

JOSÉ DE TORRES.

ESTUDOS SOBRE A GUINÉ DE CABO VERDE.

V.

O interior da praça de Bissáu. — A formiga que come ferro. — Fr. Manuel de Vinhaes ou Fr. Paulo de Lordello? — 1702 e 1838; analogias que fazem córar. — Como restabelecer aqui a civilisação? — O Richerismo e Wittemberg: como o entendem os negros de Guiné. — A soberania popular, e a onça. — O que é um rei de Bissáu e o seu sceptro.

SEGUI na minha visita, mas pouca attenção dei ao mais que ia vendo. Comtudo sempre notei que a fortaleza carece de uma guarnição de mais de 500 infantes para ficar bem defendida, e mais ainda observando-se, que deve dar destacamentos para outros pontos, e que contava actualmente, incluindo esses destacamentos e dous tambores, apenas noventa e cinco praças de pret. Não foi de certo para a deixarem n'este abandono que Fr. Manuel de Vinhaes Sarmiento propoz a sua construcção, e deu o plano da obra.

Este Fr. Manuel de Vinhaes era um frade do convento de S. Francisco da cidade da Ribeira Grande (ilha de Santiago), que tendo sido mandado missionar a Bissáu, como homem d'espírito e observador, sondou escrupulosamente as vantagens religiosas, politicas e commerciaes, que se haviam de seguir do estabelecimento d'uma estação religiosa, commercial e militar, permanente, que conservasse em submissão os negros d'esta ilha, e os chamasse ás doçuras da civilisação christã; que protegesse os estabelecimentos commerciaes que ha muitos annos possuíamos em Geba e n'outros pontos; que fosse como o emporio aonde concorressem os productos, que pelo resgate os nossos mercadores tiravam dos rios vizinhos; e que prevenisse os francezes, que pretendiam ir ali estabelecer-se, e que já d'ali tinham, havia annos, tirado duas peças de artilheria das que pertenceram á antiga fortaleza.

O bom do padre não achava explicação a esse abandono desdenhoso d'um ponto d'esta importancia; e menos podia conceber como é que tinha havido quem lhe tivesse dado de mão depois de ter estado de pos-

se d'elle, e que se chegasse a demolir a fortaleza depois de se ter construido. O simples fradinho viu aquillo, que não tinham visto os grandes politicos; o missionario planeou o que os estadistas não souberam alcançar, e protestou que havia de realizar-se a obra, cujo primeiro pensamento pertenceu tambem a um religioso da sua ordem; e para isso, industria-do pela caridade e pelo patriotismo, insinuou-se no animo do regulo de Intem, e obteve d'elle a promessa de que se não opporia á reconstrucção da fortaleza no ponto que se julgasse melhor, uma vez que primeiro lh'o comprassem para poder justificar a obra em presença dos seus grandes.

É incontestavel que aos capuchos da Soledade se deve a construcção da primeira fortaleza de Bissáu, porque a carta do rei Incinhate, pedindo a construcção d'ella, não se póde racionalmente attribuil-a senão á influencia, que tiuham no animo d'aquelle potentado; mas a quem é que se póde attribuir o principal papel? os que querem que essa gloria pertença a Fr. Paulo de Lordello fundam-se na muita veneração, que tinha sabido inspirar não só aos regulos das proximidades de Cacheu, mas a muitos outros; e se se puder provar que elle esteve em Bissáu, parece-me que se póde julgar a questão decidida a favor d'elle. Pela minha parte não encontrei documento algum, que me habilite a poder interpor a minha opinião n'esta demanda.

E digo-o assim, com relação a esta questão, porque achei quanto bastava para poder affirmar, que não foi a influencia das armas que deu origem a esse pedido. Foi José Pinheiro quem el-rei nomeou, em março de 1692, para continuar a obra da fortaleza de Bissáu (que se havia interrompido annos antes) nomeando-o logo primeiro capitão-mór d'este ponto, que até então era governado por capitães mandantes, subordinados ao capitão-mór de Cacheu. Este capitão-mór entrou ali como em paiz conquistado, e levantou contra si taes odios, que os negros correram ás armas, e não cessaram de pedir para Cabo Verde que lhes tirassem d'ali aquelle homem, a quem chamavam *onça que os queria morder*: e mais do que tudo isso, é inquestionavel que a obra da fortaleza já tinha sido começada quando elle foi nomeado para Bissáu. Assim, por qualquer modo, é evidente que não foi a influencia das armas, que suggeriu este pedido.

Tambem se não póde suppor que fosse a influencia de Castanho, que aliás tinha bastante, mas em Cacheu; porque vejo estas palavras na sua carta ao Governador de Cabo Verde em 19 de março de 1697: "... os grandes gastos, que fiz em sustentar 43 dias toda a gente que levei (um soccorro de 32 homens, que de Cacheu levou a Bissáu em auxilio de José Pinheiro) em minha companhia, e nas *dadivas que varias vezes dei ao rei e mais gentios em ordem a compor as muitas discordias que lá achei e deixar tudo socgado, e no gasto que fiz na compra que fiz do sitio da Fortaleza*"; a qual estava já tão adiantada, que José Pinheiro dizia em 19 de abril seguinte: "a fortaleza de sua magestade fica em bons termos porque estas aguas fico já da banda de dentro," isto é, d'ali a 30, ou quando muito 45 dias. O que mostra que a influencia para o começo da obra não foi a do dinheiro, que apenas serviu para compor as desordens provocadas pelo governo militar, duro e tyrannico.

Vê-se portanto que Portugal deve muito ás ordens religiosas; porque o que estes capuchos faziam em Guiné, faziam-no outras ordens nas demais possessões do Ultramar. Foi o conhecimento de alguns d'esses beneficios o que levou uma penna, que não é suspei-

ta de parcialidade a favor dos conventos, a escrever as seguintes linhas (1):

« Não padece duvida, que tanto n'esta (Guiné), como em todas as nossas possessões ultramarinas, foi impolitica a extincção dos poucos e insignificantes conventos, que ali existiam na obscuridade. Tanto mais na epocha presente, no actual estado, em que o governo não pôde dispender sommas avultadas a beneficio da instrucção e civilisação d'aquelles povos, a conservação dos estabelecimentos religiosos seria para elles de summa utilidade.

« Considerando a nossa velha Europa alguns seis até oito seculos para traz, vemos que foram estabelecimentos religiosos, fundações monacaes, que engrandeciam a fortuna do estado, e melhoravam o passado de seus habitantes. Aquelles estabelecimentos têm servido a fazer as estradas seguras, abrir novas, preparar asylos hospitaes n'aquelles seculos *barbados* de ferro, e levar a agricultura e actividade aos cumes das serranias, e aos obscuros fundos dos valles desertos e incultos.

« A estes preciosos bens seguiram fundações de escolas de theologia, letras, e algumas artes mechanicas; foi lá que todas as obras dos antigos foram conservadas para a humanidade (2).

« E de certo que a Europa já n'aquelles tempos mesmo, que nós agora chamamos barbaros, era mais adiantada em civilisação e moral, do que são hoje as tribus africanas ao alcance dos nossos dominios. »

(Continúa.)

J. M. DE SOUSA MONTEIRO.

O PAPA SYLVESTRE II.

A ALTA reputação que Gerberto grangeára em Reims levou a rainha Adelaide, esposa de Hugo Capeto, a confiar-lhe a educação de seu filho Roberto, que, depois da morte de seu pae, subiu ao throno de França. Apenas terminada a educação do joven principe, Gerberto saiu de Paris (981) e voltou para junto de Othão II, que muito carecia de seus conselhos para poder lutar com os inimigos que o rodeavam.

Assim que a tranquillidade se restabeleceu na Italia e na Allemanha, Othão, querendo remunerar condignamente os serviços, que lhe tinha prestado Gerberto, fez com que elle aceitasse a abbadia de Bobio, nos Apenninos. O novo abade não teve occasião de agradecer a munificencia do imperador. A abbadia tinha sido devastada pelo seu predecessor, e só restavam as paredes; as terras estavam incultas, e os freguezes não pagavam seus dizimos; e demais a mais, considerando aquelles Gerberto como intruzo e valido do imperador, faziam-no padecer toda a especie de privações. Cansado de lutar Gerberto abandonou finalmente a Italia, e regressou a Reims, continuando aqui a exercer as funções de secretario de Adalberon.

Se depois da morte de Luiz, filho de Lothario, Hugo Capeto se apoderou do sceptro dos Carlovingianos, deveu-o á habilidade de Gerberto e á influencia de Adalberon, que se constituíra chefe do seu partido.

O novo monarcha porém não se mostrou grato a Gerberto, porque em vez de o apresentar no arcebispado de Reims, depois do fallecimento de Adalberon, que o indicára e recommendára para seu suc-

cessor, nomeou Arnaldo, filho natural de Lothario. Mas tendo aquelle trahido o que o elevára á custa da justiça, foi prezo, conduzido perante um synodo em S. Basilio, condemnado e deposto. O mesmo synodo elegeu Gerberto em seu lugar. Infelizmente Roma annullou a sentença fulminada contra Arnaldo, desapprovou a eleição de Gerberto, e puniu com a suspensão os bispos, que tinham assistido ao referido synodo.

Gerberto, tomado de colera em consequencia de semelhante decisão, e da affronta que ella importava ao seu character, negou-se a obedecer ao papa, travando uma correspondencia calorosa com os membros da curia. « Pódem, » dizia elle, « expulsar-me da diocese de Reims; mas convencer-me de intruzo, nunca! »

Alguns bispos não quizeram abraçar a sua causa, desobedecendo ao soberano pontifice. Mas ainda assim não cedeu do seu proposito, e esteve a ponto de prégar francamente a negação da infallibilidade papal, como, seiscentos annos depois, fizeram Lutero e Calvino.

Depois de haver agitado profundamente o mundo christão, Gerberto saiu de Reims, e foi refugiar-se na côrte de Othão III, seu discipulo tambem.

Pouco depois, morto o papa João XIV, Gregorio seu successor nomeou Gerberto para o arcebispado de Ravenna, e restituiu-lhe a abbadia de Bobio, cujos freguezes, tornados a mais conciliatorios sentimentos, não tiveram duvida em sujeitar-se d'esta vez á sua auctoridade.

Gregorio V não se demorou muito tempo na cadeia de S. Pedro, e por sua morte a herezia levantou audaz o colo, a Europa resentiu-se toda, e foi mister a energia do imperador Othão para combater effizamente as desordens, que rebentaram ao mesmo tempo em varios pontos da Italia e da Allemanha. Era uma situação critica; e mais que nunca, Roma carecia de um papa, que tivesse força para sustentar dignamente a thiara pontifical e para defender a corôa vacillante do imperador Othão. Este, que tinha vastas relações no collegio cardinalicio, propoz e sustentou a candidatura de Gerberto, e a 2 de abril de 999, o pastor de Aurillac subiu ao pontificado, perante o qual, na idade media, os mais poderosos reis se inclinavam com respeito e com receio.

Gerberto foi o primeiro papa que prégonou a cruzada para a conquista do Santo Sepulchro. O seu chamamento não foi correspondido. Mas vê-se que em seu espirito este grande homem concebêra o gigantesco pensamento, que meio seculo depois Gregorio VII quiz realisar, e que Urbano II poz por obra no começo do 13.º seculo.

Gerberto morreu a 12 de maio de 1003, no quinto anno do seu pontificado. Foi sepultado sob o portico de S. João de Latrão. Antes de expirar o papa Silvestre II perdoára aos inimigos de Gerberto, e ao proprio Arnaldo, que restituiu á diocese de S. Remi.

Cesar Raspéoni, conego de Latrão, conta que em 1648 se encontrara em um sarcophago de marmore o corpo de Gerberto, bem conservado, revestido de habitos pontificaes, com a mitra na cabeça e os braços cruzados; mas que ao contacto do ar se desfizera em pó, restando só uma cruz de prata e o anel episcopal.

Os habitantes do Cantal mandaram erigir um monumento á memoria de Gerberto. Este monumento, cuja execução foi confiada ao sr. David (d'Angers) celebre esculptor francez contemporaneo, foi erecto em uma das praças publicas da cidade de Aurillac a 16 de setembro de 1851.

(1) Chelmicky: Corographia Cabo-Verdeana, tom. 2.º pag. 166.

(2) Em Cabo Verde todas as aulas foram primeiro creadas pelos Bispos, e pagos os professores com o producto dos dizimos; e só depois é que foram approvadas pelo rei.